



O USO DO VÍDEO COMO RECURSO DIDÁTICO

Emyldes de Lima Silva¹
Eveline da Silva Gontijo Moreira², Kléber Antônio Lourenço dos Santos³,
Marta João Francisco Souza⁴

¹Instituto Federal de Goiás – Câmpus Jataí/ emyldeslima13@hotmail.com

²Instituto Federal de Goiás – Câmpus Jataí / evelinegmoreira@gmail.com

³Instituto Federal de Goiás – Câmpus Jataí / kleber17souza@gmail.com

⁴Instituto Federal de Goiás – Câmpus Jataí / martajfss@gmail.com

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar a utilização do vídeo como recurso didático, identificando as especificidades desse recurso e suas possíveis contribuições à construção de conhecimentos. Para o embasamento teórico adotou-se a pesquisa bibliográfica por meio da qual obtivemos compreensão acerca do tema. Verificamos que, no contexto escolar, o uso do vídeo assim como de outros recursos tecnológicos, por si só não garante a aprendizagem nem a evolução do processo educativo realizado na escola. Concluímos que é preciso ter objetivos claros quanto ao uso dessa tecnologia. Ao assumir a condição de recurso midiático, o vídeo quando utilizado de forma planejada, favorece a materialização do processo ensino-aprendizagem e ainda abre possibilidades quanto à compreensão do conteúdo por parte dos alunos e quanto à construção de conhecimentos válidos e/ou significativos para a vida em sociedade.

Palavras-chave: Vídeo. Recurso didático. Ensino-aprendizagem.

Introdução

O vídeo é um recurso didático amplamente utilizado por professores de diferentes áreas, em todos os níveis de ensino. Pode favorecer a compreensão dos conteúdos ensinados, aproximando-os da realidade e tornar as aulas do professor mais interessantes, prazerosas e significativas. Entretanto, para que essas e outras potencialidades do vídeo possam contribuir de fato para o processo de ensino-aprendizagem, é necessário que o professor as conheça e saiba como explorá-las com intencionalidade em suas aulas.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar a utilização do vídeo como recurso didático, identificando suas especificidades e suas possíveis contribuições à construção de conhecimentos. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, de modo que o aporte teórico possibilitou a compreensão de que a utilização do vídeo como recurso didático constitui uma atividade, que se bem planejada contribui para o êxito do processo ensino-aprendizagem.

Metodologia

Segundo Pizzani, et. al (2012, p. 53), “entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Assim, o levantamento bibliográfico realizado objetivou a identificação e a seleção, na literatura existente, de aportes significativos relacionados ao uso de vídeos na sala de aula. Acredita-se que a relevância do tema esteja na importância da adoção de metodologias e de recursos didáticos diversificados que enriqueçam e favoreçam o processo ensino-aprendizagem.

Dentre outros autores que promovem o diálogo da temática em estudo, foram consultados: Morán (1995), Cinelli (2003), Silva (2009), Betetto (2011) e Vasconcelos; Leão (2009). Os debates apresentados pelos autores abordam a importância do vídeo como recurso didático e as especificidades de sua utilização no contexto escolar.

Resultados e discussões

O vídeo se configura como uma estratégia de ensino que pode superar a metodologia tradicional, podendo contribuindo de forma significativa não só para a aquisição de novos conhecimentos, como para o desenvolvimento da criticidade dos alunos. Vasconcelos e Leão (2009, p. 1) afirmam que:

O meio-audiovisual não é apenas um recurso didático, mas através dele pode-se criar um novo meio de ajudar a (re) construção do conhecimento. Este processo é possível devido ao vídeo ser um recurso que possibilita a síntese entre imagem e som, gerando as mais diversas sensações dependendo do que se é transmitido, deixando de ser apenas som e imagem, mas também, uma forma de expressão, expressão esta, que pode gerar no espectador elementos de motivação para novas situações, como um espectador crítico.

Entretanto, a utilização do vídeo na sala de aula exige além do planejamento, a clareza da intencionalidade para essa utilização. Enquanto recurso planejado, faz-se necessário que o professor conheça previamente o conteúdo e a forma de exposição usada no vídeo.

[...] o vídeo é grande auxiliar do ensino se for cuidadosamente selecionado e adequadamente usado, isto é, adaptado ao currículo, à idade e ao nível mental dos alunos, além disso, ele deve ser corretamente integrado no tema de aula, de tal forma que cada momento dedicado a sua utilização resulte em algum desenvolvimento efetivo da conduta e experiência do aluno e na ampliação de conceitos (CINELLI, 2003, p. 61).

É pertinente pensar o vídeo não apenas como um recurso audiovisual eficiente na construção de conhecimentos, mas é importante que, ao selecionar o vídeo, se pense na

intervenção pedagógica que precisa ser feita para que os alunos assimilem as informações e validem conhecimentos, aplicando as novas aprendizagens no seu cotidiano.

O fazer pedagógico, quando pautado no desenvolvimento do aluno, deve primar não somente pelo fascínio, mas, sobretudo pela articulação entre os conhecimentos já adquiridos pelos alunos e aquilo que se pretende ensinar. Nesse sentido, antes da exibição do vídeo é necessário que professor faça a antecipação de conteúdos e a explanação do tema a ser desenvolvido. Para isso, deve promover questionamentos, momentos de reflexão e provocação nos alunos, aguçando sua curiosidade e interesse a respeito da temática em estudo, conforma orienta Cinelli (2003, p. 58):

O uso de um vídeo deve ser em geral antecedido de algumas atividades de preparação, para que as informações e os conceitos apresentados possam ser compreendidos pelos alunos. Antes de exibir um vídeo é importante conversar com os alunos sobre o tema abordado, adiantando alguns dos conteúdos. Essas atividades têm como principal objetivo preparar a atenção do aluno para o que ele vai ver.

Ao tratar sobre a utilização do vídeo Morán (1995, p. 27) alerta que ele “[...] ajuda o professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica. Aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, e também introduz novas questões no processo educacional”.

Ao analisar a utilização dos vídeos como recursos que podem enriquecer a prática pedagógica e favorecer a aprendizagem dos alunos, Silva (2009) pondera que suas potencialidades ainda não são totalmente exploradas, pois, às vezes, são utilizados “[...] apenas para manter alguma atividade extra com os alunos, sem que se tenha feito um planejamento dos objetivos do uso ou estudado a melhor forma de aplicá-lo (SILVA, 2009, p. 13).

Ainda discorrendo sobre as propostas de utilização do vídeo como recurso didático, Morán (1995, p. 30) alerta sobre os usos inadequados do vídeo em sala de aula e assim os esquematiza

- a) Vídeo tapa-buraco: colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar este expediente eventualmente pode ser útil, mas, se for feito com frequência, desvaloriza o uso do vídeo e o associa - na cabeça do aluno - a não ter aula;
- b) Vídeo-enrolação: exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria. O aluno percebe que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso;
- c) Vídeo-deslumbramento: o professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passar vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas;
- d) Vídeo-perfeição: existem professores que questionam todos os vídeos possíveis, porque possuem defeitos de informação ou estéticos. Os vídeos que apresentam conceitos problemáticos podem ser usados para descobri-los junto com os alunos, e questioná-los;

e) Só vídeo: não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes.

Dentre as várias propostas de utilização do vídeo, Morán (1995, p. 30) sugere o vídeo como sensibilização e pontua que um bom vídeo “é [...] interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria”.

Acerca da relevância da ação do professor quanto à utilização de recursos audiovisuais, mais propriamente do vídeo em si, Cinelli (2003, p. 59) alerta que

O vídeo por si só não ensina, é o aluno que busca, que constrói esse conhecimento a partir do uso adequado desse suporte. Tal uso supõe o recurso ao vídeo como fonte de informações, e essa exploração só acontecerá se o processo de inserção do vídeo tiver um sentido pedagógico para o aluno.

O vídeo deve ser usado para permear o processo educativo, compondo assim a ação do professor, a partir de um contexto para a explanação dos conhecimentos a serem adquiridos e de certo modo, experimentados por meio do recurso em questão. Corroborando essa afirmação Silva (2009) considera que o vídeo, bem como outras mídias aplicáveis no âmbito escolar, necessita da intervenção do professor, e para isso afirma que a função do docente é contextualizar e fazer relações que estimulem o aprendizado dos alunos.

Também chamados de meios audiovisuais, para Betetto (2011, p. 23) os vídeos representam “[...] uma forma de linguagem e expressão. Os meios audiovisuais levam às imagens, aos fatos reais, à consciência, contribuindo com o trabalho do professor, de forma a auxiliar, facilitar e intensificar a aprendizagem dos alunos”. Embora a referida autora destaque como positivo o uso de um recurso que emita sons e imagens, salienta que, ainda na atualidade, muitos professores encontram dificuldades quanto à utilização desses recursos, e ainda menciona que tais dificuldades vão além da falta de preparo dos profissionais, pois ainda podem estar ligados à falta de estrutura das escolas e aos aparelhos, que nem sempre se encontram em condições adequadas de uso.

Dentre as dinâmicas de análise do vídeo, Morán (1995, p. 32) sugere a leitura em conjunto e esclarece que

O professor exhibe as cenas mais importantes e as comenta junto com os alunos, a partir do que estes destacam ou perguntam. É uma conversa sobre o vídeo, com o professor como moderador. O professor não deve ser o primeiro a dar a sua opinião, principalmente em matérias controversas, nem monopolizar a discussão, tampouco deve ficar em cima do muro. Deve posicionar-se, depois dos alunos, trabalhando

sempre dois planos: o ideal e o real; o que deveria ser (modelo ideal) e o que costuma ser (modelo real).

Existem diversas formas de elucidar um conteúdo explorado em um vídeo educativo. Assim, segundo Cinelli (2003), o principal é que, independente do modo como será explorado, o professor deve estimular o desenvolvimento da criticidade e a superação das possíveis dificuldades dos alunos, aproximando o máximo possível os conteúdos escolares da vivência e convivência social. Sob essa ótica, a autora assegura que o uso do vídeo em sala de aula permite que o aluno visualize o que o professor está ensinando e estabeleça relações com o que ele vivencia.

Considerações Finais

A utilização do vídeo como recurso didático, nos permite identificar o quanto é essencial e positiva a adoção por parte do professor de metodologias e estratégias que resultem em aquisição de conhecimentos que sejam utilizáveis e aplicáveis à vida do aprendiz, oportunizando assim uma relação dialógica entre a teoria e a prática.

Como recurso didático, o uso do vídeo contribui para o êxito do processo ensino-aprendizagem e exige do professor não somente uma reformulação de suas práticas pedagógicas, como também uma análise prévia e detalhada do vídeo que vai exibir. É necessário que o professor conheça o conteúdo do vídeo, analise as imagens, a linguagem usada e articule os conhecimentos trazidos pelo vídeo aos conhecimentos que a criança ou jovem já possui. É importante ainda pensar nas inferências necessárias antes, durante ou após a exibição.

Desde que seja uma prática que tenha intencionalidade, o uso do vídeo como recurso enriquece a aula, pois torna o assunto mais interessante e aproxima o conteúdo da vivência do aluno. Nota-se então, que o vídeo não pode ser usado para substituir o trabalho do professor. Ele é um recurso que complementa a ação pedagógica, e nesse sentido, deve estar de algum modo relacionado ao conteúdo que está sendo trabalhado ou colaborar com a construção de conhecimentos significativos e aplicáveis a realidade do educando.

Referências

BETETTO, Joelma Ribeiro. **O uso do vídeo como recurso pedagógico: conceitos, questões e possibilidades no contexto escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Londrina, Londrina – Paraná. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOELMA%20RIBEIRO%20BETETTO.pdf>>. Acesso: 23 jan. 2017.

CINELLI, Nair Pereira Figueiredo. **A influência do vídeo no processo de aprendizagem.** Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2003.

MORÁN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação e Educação.** São Paulo, ECA-Ed. Moderna, v. 1, n 2. 1995. p. 27-35.

SILVA, Janete Borges. **O vídeo como recurso didático.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Chuí, 2009. Disponível em:
<<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=SILVA,+Janete+Borges.+O+v%C3%ADdeo+como+recurso+did%C3%A1tico.+Chu%C3%AD,+2009>>. Acesso: 23 jan. 2017.

VASCONCELOS, Flávia Cristina Gomes Catunda de; LEÃO, Marcelo Brito Carneiro. **O vídeo como recurso didático para ensino de ciências: uma categorização inicial.** Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2009. Disponível em:
<<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0315-1.pdf>>. Acesso: 23 jan. 2017.

PIZZANI, Luciana, et. al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. © **Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.**, Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012. Disponível em:
<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso: 03 jan.2017.